



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
CENTRO DE ARTES  
CURSO DE CINEMA E ANIMAÇÃO

Jordana Spezia Coutinho

***SIX FEET UNDER E BELEZA AMERICANA:***  
**BREVE ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NO AUDIOVISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Cinema e Animação pela Universidade Federal de Pelotas, com orientação da profa. Ana Paula Penkala.

Pelotas, março de 2013

**“Ricky Fitts:** It was one of those days when it's a minute away from snowing and there's this electricity in the air, you can almost hear it. Right? And this bag was just dancing with me. Like a little kid begging me to play with it. For fifteen minutes. That's the day I realized that there was this entire life behind things, and this incredibly benevolent force that wanted me to know there was no reason to be afraid, ever. Video's a poor excuse, I know. But it helps me remember... I need to remember... Sometimes there's so much beauty in the world, I feel like I can't take it, and my heart is just going to cave in.”

*American Beauty*

**“Rabbi Ari:** You must be really scared.

**Nate:** I'm going to die.

**Rabbi Ari:** Yeah, me too.

**Nate:** Really? What do you have?

**Rabbi Ari:** A body.”

*Six Feet Under*, “Back to the garden” (Season 2, Episode 7)

## ***SIX FEET UNDER E BELEZA AMERICANA:* BREVE ANÁLISE SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NO AUDIOVISUAL**

### **RESUMO**

Tendo como foco o filme *Beleza Americana* e a série televisiva *Six Feet Under*, ambos escritos por Alan Ball, o presente artigo propõe uma análise sobre a representação da morte nesses produtos, considerando a morte representada em dois aspectos: concreto e simbólico.

**Palavras-chave:** morte; representação; Alan Ball; *Beleza Americana*; *Six Feet Under*.

### **ABSTRACT**

Focusing on the film *American Beauty* and the television series *Six Feet Under*, both written by Alan Ball, the present article proposes an analysis of the representation of death in these products, considering death represented in two aspects: concrete and symbolic.

**Key-words:** death; representation; Alan Ball; *American Beauty*; *Six Feet Under*.

### **INTRODUÇÃO**

É comum as sociedades tratarem a morte com eufemismos, suavizando um assunto que, para muitos, é de difícil aceitação e abordagem. O culto ao eternamente jovem e as tentativas de retardar o envelhecimento são encarados com normalidade. Por outro lado, falar de morte não é um processo cotidiano, com abertura para discussões nas relações sociais e, quando o tema é levantado, sempre vem acompanhado de mal-estar e medo.

O cinema e a televisão, como suportes para narrativas sobre variados temas, são uma forma de se colocar esses tabus em discurso, levando em conta o alcance de seus conteúdos para o grande público. O roteirista e diretor norte-americano Alan Ball cumpre com este propósito quando aborda em seus trabalhos a morte e outras temáticas, tais como as relações inter-raciais e a sexualidade (incluindo as relações homossexuais) de forma recorrente, demonstrando uma predileção pelos assuntos no filme *Beleza Americana*<sup>1</sup> e *Six Feet Under*<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> *American Beauty* é um filme escrito por Alan Ball e dirigido por Sam Mendes. O filme foi lançado no ano de 1999. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0169547/>> Último acesso em: 23 fev. 2013.

Cabe ressaltar que Alan Ball não dirige todos os seus roteiros, sendo a escrita o grande foco do seu trabalho. Entretanto, mesmo quando não é o diretor, percebo que a estética trabalhada por outros diretores é uma resposta aos temas levantados nos escritos de Ball, gerando uma representação visual da morte que liga esses produtos entre si.

Neste trabalho, parto da premissa de que Alan Ball explora a temática da morte, bem como outras temáticas, de forma diferenciada e natural, colocando o tema da morte sempre na voz ativa em seus trabalhos, como algo que faz parte da vida, pura e simplesmente. Assim, levanto a problematização sobre como o cinema e a televisão representam a morte e como a morte é representada nos trabalhos de Ball, especificamente em *Beleza Americana* e em *Six Feet Under*. Considerando que Alan Ball está inserido numa cultura com um contexto de valores e símbolos que lidam e representam a morte de uma determinada forma, e que esta cultura (a norte-americana) pensa e representa a morte através desses valores, entendo que o roteirista rompe com o tabu sobre o tema. Na cultura ocidental, a morte, como conceito e como materialidade, é algo mantido escondido, tratado com metáforas, assunto proibido e cercado de medo, repulsa, fantasia e pensado a partir de uma forte relação com a religiosidade judaico-cristã. Esta percepção também é uma premissa, da qual parte o objetivo geral deste trabalho, que é compreender como esses produtos (o filme e a série televisiva) tratam o tema (e outros relacionados e recorrentes da obra do roteirista).

Partindo da análise do filme *Beleza Americana* e do episódio piloto da série televisiva *Six Feet Under* (dirigido por Alan Ball), o artigo propõe, como objetivos específicos: a) compreender como a morte pode ser representada no cinema e televisão, ao fazer uso de uma série de elementos narrativos e b) observar de que maneira o tema da morte é tratado pela cultura e assimilado pelas sociedades.

Para que seja possível alcançar tais objetivos, este trabalho irá usar procedimentos metodológicos da análise fílmica, conjunto de métodos que objetivam a apreciação e melhor compreensão da obra cinematográfica, conforme Jacques Aumont e Michel Marie (2009). Assim, filme e episódio piloto da série serão analisados a partir da seguinte problematização:

---

<sup>2</sup> *Six Feet Under* é uma série de televisão produzida pelo canal HBO. A série foi criada por Alan Ball, que também dirigiu sete episódios, incluindo o piloto. *Six Feet Under* teve cinco temporadas e foi ao ar de 2001 a 2005. O título original da série será utilizado neste trabalho, pois é como a maioria dos brasileiros se refere à série. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0248654/>> Último acesso em: 23 fev. 2013.

Como a morte é representada em *Beleza Americana* e *Six Feet Under*. A escolha do corpus de pesquisa (o filme e o episódio piloto da série) se deu a partir da forte expressão do tema nessas obras e, no caso da série, levando em consideração que o episódio piloto é uma espécie de síntese da série toda, definindo parâmetros de criação para os outros episódios. Para que o objetivo seja atingido, e considerando uma primeira observação desses produtos, a análise se dá sobre duas categorias: a) a morte concreta e b) a morte simbólica. A morte concreta aparece, tanto na linguagem audiovisual quanto nos diálogos e no roteiro como um todo, quando se trata da morte como conceito de “fim da vida” ou “ausência de vida” e quando ela é materializada ou demonstrada pelo corpo morto e demais coisas que o cerquem (como uma cena de funeral, por exemplo, ou a imagem do corpo sem vida propriamente dito). A morte simbólica aparece sob a forma de um conjunto de representações da morte que não necessariamente mostrem ou mencionem o corpo morto, o fim da vida corpórea e etc. Para que essas categorias sejam abordadas, será analisado outro tema proposto recorrentemente nos roteiros de Ball e que servem como contraste para a morte enquanto conceito concreto e simbólico: o sexo. Para embasar essa percepção, abordo a teoria das pulsões de Sigmund Freud, publicada num artigo intitulado *Além do princípio do prazer*, de 1920, que trata dos instintos de vida e de morte presentes na formação psíquica de todo ser humano. O sexo é uma das materializações da pulsão de vida, segundo o psicanalista.

Em se tratando da representação da morte pelo audiovisual, parto da premissa de que o cinema e a televisão utilizam de uma série de recursos sonoros e visuais como forma de representar um tema que está presente na cultura e na sociedade. “Toda obra de arte, toda ficção, não é um ser fechado e isolado em si mesmo” (VIANA, 2012, p. 17) e traz consigo o contexto social e histórico no qual está inserida. Só assim podem-se fazer relações entre a representação da morte no filme e série e o contexto fora do universo fílmico e televisivo. Nesse sentido, é possível afirmar que a morte, como representada nos roteiros de Ball, é uma quebra de tabus, considerando a cultura norte-americana e sua maneira de lidar com tais temas. Enquanto numa sociedade que privilegia a aparência (algo que aparece em *Beleza Americana*), a morte é algo que sempre se mantém escondido, como assunto ou como materialidade, como o próprio título da série traduz: “a sete palmos”. Ao enterrar o corpo morto bem longe das vistas dos vivos, uma sociedade onde a morte é tabu busca evitar tratar

do assunto e daquilo que o cerca, como a degradação do corpo, a decomposição, a “profanação” de uma materialização da vida.

O artigo que se segue será dividido em três seções. A primeira, logo depois desta introdução, trará uma contextualização do filme e da série, apresentando uma breve biografia de Alan Ball, transcorrendo pela concepção do filme *Beleza Americana* e da série *Six Feet Under*, fazendo relações entre experiências pessoais de Ball como universo de referência para suas criações e contextualizando temas trabalhados pelo roteirista e/ou diretor numa cultura, buscando apresentar o universo em que o filme e a série são criados. A segunda seção discute a morte e a representação da morte no audiovisual e como o assunto “morte” é compreendido culturalmente, socialmente e como é abordado psicologicamente. Nessa seção abordo brevemente a teoria das pulsões de Freud. A última seção deste artigo apresentará as análises de *Beleza Americana* e do episódio piloto da série televisiva *Six Feet Under*, dividida, conforme citado anteriormente, nas duas categorias propostas. Encerro o texto com as considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

## **1 BELEZA AMERICANA E SIX FEET UNDER**

O filme *Beleza Americana* e a série televisiva *Six Feet Under* possuem temáticas em comum. Ambas as histórias criadas pelo roteirista, diretor e produtor de cinema e televisão norte-americano Alan Ball, levantam questões relativas ao comportamento humano e retomam o tema da morte como um fato que faz parte da vida. Por vezes, a morte é tratada de forma leve e cômica, mas não perdendo a sua dramaticidade (a exemplo da série *Six Feet Under*).

Em 2011, Alan Ball cedeu uma entrevista de duas horas para o *Archive of American Television*<sup>3</sup>. Na entrevista, conduzida por Nancy Harrington, Ball fala das suas origens, infância, escolha da profissão e como acontecimentos da sua vida são transmitidos nos seus roteiros de maneira autoral.

---

<sup>3</sup> Fundado em 1997, O Archive of American Television já conduziu mais de 700 entrevistas com nomes importantes da televisão. As entrevistas sempre são feitas no mesmo formato, seguindo a vida, a obra e as influências do entrevistado. Entrevista disponível em: <<http://www.emmytvlegends.org/interviews/people/alan-ball>> Último acesso em: 10 fev. 2013.

Durante alguns anos, o escritor trabalhou no ramo das comédias com as *sitcoms*<sup>4</sup> *Grace Under Fire* (1993 a 1998) e *Cybill* (1995 a 1998), veiculadas nas redes de televisão ABC (American Broadcasting Company) e CBS (Columbia Broadcasting System), respectivamente. Entretanto, escrever sitcoms fez com que Alan Ball se distanciasse do que realmente queria fazer. Na entrevista, Ball coloca que trabalhava 70 a 80 horas por semana para escrever episódios que nem sequer assistiria depois.

O roteirista encontrou na frustração com o trabalho a necessidade de escrever algo com o qual realmente se importasse, diferente dessas séries. Isso é algo importante de se colocar no que tange a experiências pessoais na vida do autor que são colocadas em seu trabalho. No final da década de 1990, ele tinha três projetos em andamento: duas comédias e apenas o conceito da peça chamada *Beleza Americana*, com personagens até então pouco desenvolvidos durante a escrita: um homem depressivo, um rapaz que gravava numa câmera tudo que via pela frente, etc. Seu agente sugeriu que desenvolvesse a história de *Beleza Americana* porque era a história que despertava mais paixão em Alan Ball.

No processo de escrita, ele adaptou a história do teatro para o cinema baseado nas suas experiências. *Beleza Americana* é sobre Lester Burnham (Kevin Spacey), um escritor frustrado (assim como Ball) que tenta recuperar sua paixão pela vida e trabalho. O personagem Lester possui a mesma idade de Alan Ball na época da sua criação. Após o reconhecimento de *Beleza Americana* pela crítica e tendo recebido o Oscar de melhor roteiro original pelo filme, Ball se dedicou a criação da série televisiva *Six Feet Under* para a HBO (Home Box Office), um canal que prima pelo requinte de seus conteúdos.

*Six Feet Under* é sobre a família Fisher, que possui uma funerária em casa (a Fisher & Sons), e sobre a vida dos membros dessa família e pessoas relacionadas a eles. A série foi gravada em Los Angeles, último lugar no mundo onde se faria algo sobre morte, segundo o roteirista. Isso porque a cidade é a capital da negação da mortalidade, refletindo a sociedade americana como um todo. A cidade tem fama de ser um lugar onde habitam pessoas de aparência jovem, adeptas das cirurgias plásticas e com vidas aparentemente perfeitas. Esse *American Way of Life* também é visto em *Beleza Americana*.

---

<sup>4</sup> Abreviação de Situation Comedy (comédias de situação). Trata-se de uma série de televisão com histórias encenadas em ambientes de trabalho, grupos de amigos ou entre membros de uma família. Fonte: Wikipedia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sitcom>> Último acesso em: 10 fev. 2013.

Historicamente, por volta de 1920, após a Primeira Guerra, os Estados Unidos eram considerados a grande potência mundial. Com a expansão do capitalismo, o país começou a estabelecer padrões para melhorar cada vez mais a qualidade de vida da sociedade americana. O ato do consumo estava diretamente relacionado a um sentimento de patriotismo norte-americano, materializado no desejo de progresso do país. A propaganda era um recurso largamente utilizado para aumentar a venda de produtos, como os da indústria automobilística e eletrodoméstica. A cultura do progresso, do consumo e da eficiência foi transformando o cotidiano daquela sociedade em um estilo de vida, que conhecemos como *American Way of Life*<sup>5</sup> ou *Estilo de Vida Americano*, hoje difundido pelo mundo todo graças, principalmente, à globalização e à abrangência da sociedade de consumo.

Em *Beleza Americana*, uma sociedade de estereótipos e consumo é retratada: morar num bairro de classe média alta, ter uma casa grande com conforto, projetar uma imagem de pessoa bem sucedida na carreira, ter um casamento e filhos (mesmo com as relações entre os familiares desmoronando). Uma série de máscaras que parte da sociedade americana veste, buscando preencher um “vazio espiritual” de forma hipócrita, são representados no filme pelo cotidiano organizado em torno de uma vida de manutenção de aparências.

Alguns personagens do filme fogem completamente dos “padrões” aceitos por uma parcela da sociedade. Ricky Fitts (Wes Bentley) já foi internado pelo pai, o coronel homofóbico Frank Fitts (Chris Cooper), numa clínica psiquiátrica e é traficante de drogas; há um casal homossexual no bairro no qual a história se passa, vivenciado por Jim (Sam Robards) e Jim (Scott Bakula). Eles são o contraponto dessa sociedade “certinha” e profundamente preocupada com os bons costumes, a tradição e fortemente influenciada por valores morais advindos da religião judaico-cristã, predominante naquele país.

Já em *Six Feet Under*, todos os membros da família Fisher contrapõem, de alguma forma, o que é moralmente aceito pela sociedade norte-americana conservadora: David Fisher (Michael C. Hall) é homossexual; Claire Fisher (Lauren Ambrose) usa drogas e já fez um aborto; o filho mais velho, Nate Fisher (Peter Krause), faz sexo com desconhecidas e saiu de casa para não assumir a Fisher and Sons, funerária da família; por fim, Ruth Fisher (Frances Conroy) foi infiel ao marido durante o casamento.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://oficinadahistoriad.blogspot.com.br/2009/10/american-way-of-life.html>> Último acesso em: 25 fev. 2013.

Tanto o filme *Beleza Americana* quanto a série *Six Feet Under* são trabalhos com marcas autobiográficas de Alan Ball. Quando o escritor tinha treze anos, viu a irmã mais velha morrer do seu lado num acidente de carro, fato que Ball não faz questão de esconder e que, de certa forma, explica o recorrente uso da temática da morte nos seus trabalhos. Além disso, a personagem Ruth Fisher da série pode ser facilmente comparada à mãe de Ball, no doloroso processo de perda de um membro da família.

Além disso, é interessante observar que além da morte, outras temáticas são trabalhadas em *Beleza Americana* e em *Six Feet Under*. Nesses produtos, o sexo está muito presente, servindo de contraste para a morte, uma vez que representa o impulso contrário ao da morte.

A sexualidade, bem como as relações homossexuais ou inter-raciais (este último apenas em *Six Feet*) são assuntos recorrentes nos escritos de Alan Ball. O roteirista é homossexual assumido e tem interesse em criar personagens que lidam com algum tipo de preconceito na sociedade. Como coloca Paula Cristina de Carvalho na dissertação de Mestrado intitulada “*Six Feet Under – A Temática da Morte nos Estados Unidos da América*”: “Alan Ball pretendeu desafiar os preconceitos sobre a morte que a *mainstream* televisiva cultivava, bem como todos os outros que dividem os americanos, como a homossexualidade, o racismo, a cultura e a classe social” (CARVALHO, 2009, p. 7).

*Six Feet Under* foi uma série inovadora por duas razões: a primeira se deve ao fato de, apesar de ser veiculada num canal televisivo (HBO), utilizar de recursos cinematográficos arrojados, como uma montagem e direção de arte aprimoradas e também, por causa da “densidade dramática e a habilidade com que soube desenvolver uma ambiguidade emocional intrínseca ao ser humano” (CARVALHO, 2009, p. 10). Em segundo lugar, porque Alan Ball criou e levou ao ar uma série que coloca a morte quase como um protagonista, “ao criar um drama capaz de questionar, a cada momento, o sentido, a indignidade e a finalidade da morte” (CARVALHO, 2009, p. 8). Na próxima seção, discutirei como o cinema e televisão, voltando-me para o filme e a série em questão, representam a morte e como é tratada a morte dentro do contexto cultural norte-americano (ou seja: como contraponto à cultura de esconder a morte e torná-la assunto proibido).

## 2 A MORTE E A REPRESENTAÇÃO DA MORTE

A morte ainda é considerada um tabu nas sociedades, especialmente a ocidental. Em *Totem e Tabu*, texto escrito em 1913, Sigmund Freud<sup>6</sup> coloca que o termo “tabu” diverge em dois sentidos opostos: por um lado, aquilo que é considerado “sagrado”, “consagrado” e, por outro, tabu é tido como o “misterioso”, “perigoso”. O tabu (lugar, pessoa, coisa ou condição transitória) se trata de um enigma, um mistério, algo que não pode ser tocado e que foge da total compreensão humana. O ser humano tende a temer a morte porque, entre várias outras razões, possui um instinto de vida e perpetuação da espécie. Culturalmente, as sociedades encaram a morte com hesitação e medo, mesmo que seja de consenso geral a inevitabilidade da mesma.

Ao fazer parte de uma cultura, o cinema e a televisão tendem a representar os tabus, costumes e valores simbólicos presentes nas sociedades, fazendo com que diversos temas (especificamente o da morte, neste caso) sejam mais facilmente assimilados ou elaborados e melhor aceitos. Trabalhando com imagens e som, o cinema e a televisão servem como forma de mediar assuntos como a morte, o sexo e outros tabus com o público. Alan Ball rompe com o tabu da morte ao demonstrar predileção por este assunto, colocando-o de maneira recorrente em seus trabalhos, não deixando de representá-la dentro de um sistema de valores e símbolos nos quais ele está inserido, porém ultrapassando o limite imposto pelo tabu ao discutir e mostrar a morte no cotidiano e abertamente, de forma natural e corriqueira.

Fora do cinema e televisão, a morte tem materialização, apesar de se tratar de um conceito abstrato (“o fim da vida”). No filme *Beleza Americana* e na série televisiva *Six Feet Under*, podemos observar a morte representada de duas formas: a) literal e concreta e b) de forma simbólica. Inicialmente, cabe aqui diferenciar estes dois conceitos relacionados à morte. Em primeiro lugar, a morte concreta (mais facilmente compreendida) é a morte física. Trata-se da morte biológica do ser vivo, ou seja, quando um conjunto de funções necessárias para mantê-lo vivo para de funcionar. Diz respeito também a tudo aquilo que cerca essa morte concreta, como a imagem do corpo morto, o ritual funerário, a lápide, o caixão, o enterro.

---

<sup>6</sup> Sigmund Freud (1856 – 1939) nasceu em Freiberg, na região da Morávia, Império Austríaco (hoje parte da República Tcheca). Considerado o pai da psicanálise, Freud produziu, de forma inovadora, conhecimento sobre a alma humana (psique). O pensamento cartesiano vigente na época perde seu lugar para um estudo sobre a vida inconsciente e a sexualidade, influenciando posteriormente o pensamento ocidental e as outras áreas do saber como a literatura, a filosofia, as artes, a medicina (entre outras). Dados disponíveis no livro *O Mal-Estar na Cultura*, de Sigmund Freud. L&PM Pocket, vol. 850, 2010.

A morte simbólica, no entanto, trata de questão mais complexa e depende da cultura e de seu conjunto de valores e símbolos, muitos dos quais são influenciados pela religião e outros preceitos fundantes na cultura. Com as pesquisas de Sigmund Freud, a morte passou a ser compreendida a partir da formação psíquica, que vai para além do evento social, biológico e concreto. Antes explicada, compreendida e elaborada apenas a partir do folclore e da religião, a partir dos estudos do psicanalista, a morte passou a ser vista também a partir de sua elaboração na formação psicológica.

Contextualmente, os estudos de Freud sobre a morte se deram entre 1919 e 1920, num cenário pós-Primeira Guerra Mundial. O médico estava mobilizado pelo tratamento de pacientes que foram combatentes das frentes de batalha e traziam consigo repetições de traumas sofridos na guerra. Em Viena, Freud tentava compreender as neuroses traumáticas examinando os sonhos desses homens.

A partir de suas experiências, Freud começou a escrever o artigo intitulado *Além do Princípio do Prazer*, no qual concebeu a teoria de um instinto que se manifestava como um impulso (ou pulsão) de morte. Freud defendia que todo indivíduo carrega consigo dois impulsos completamente opostos: de um lado, um impulso de vida (Eros), que é capaz de preservar a vida e, de outro, um impulso de morte (Tânatos), que se manifesta como destruição e (desejo de) morte. Como coloca Freud: “Podia-se supor que, calado no íntimo do ser vivo, o impulso de morte trabalhava em sua dissolução. (...) Mais longe nos levou a idéia de que uma parcela do impulso se volta contra o mundo exterior e então se mostra como impulso de agressão e destruição.” (2010, p. 136-7).

As pulsões de vida e de morte ditam a forma como nos relacionamos com o mundo. As pulsões são desejos que ocorrem no inconsciente, mas podem ser exteriorizadas, isto é, concretizadas e manifestadas pelos impulsos. Por exemplo: um indivíduo que elabora constantemente uma pulsão de morte no seu íntimo pode acabar por cometer suicídio (concretização da morte). A pulsão de vida materializa-se, por exemplo, na busca pelo prazer, pela satisfação, entre elas, a concretização do sexo (auto-preservação e busca por prazer em si). Já a pulsão de morte pode ser concretizada na busca por auto-destruição, pela repetição de atos nefastos e prejudiciais (ao corpo e ao espírito). As pulsões de morte se contrapõem às

pulsões sexuais, que protegem o indivíduo das influências do mundo externo que podem conduzi-lo para a morte. Como ressalta Gerd Kimmerle<sup>7</sup>:

Só quando a autoconservação é compreendida como garantia do caminho imanente da morte, torna-se possível relacionar a oposição entre pulsões sexuais e pulsões de morte. A análise da compulsão à repetição resulta numa concepção ainda não justificada: a oposição entre pulsões sexuais e pulsões do eu. Ele a identifica com a oposição entre pulsões de vida e propensões para a morte, em que a sexualidade contribui para a conservação da vida, ao passo que o eu, de modo obscuro, faz parte da morte. (KIMMERLE, 2000, p. 108).

Se, por um lado, a morte é simbolicamente representada em nosso psiquismo através da pulsão de morte (e seu contraponto, a pulsão de vida), ela também aparece na cultura, representada por símbolos (que incluem a simbologia folclórica e religiosa). Esses símbolos são determinados num contexto cultural. Por exemplo: as cores branco e preto ilustram bem isso. Na cultura ocidental, o preto é usado para representar a morte e nos funerais são usadas vestes pretas para a manifestação do luto por parte de familiares e amigos próximos do morto. Isso se deve ao fato de considerarmos, no ocidente, a morte como o fim, como o nada, e entendermos o preto como representação do conceito de fim e nada (por ser ausência de luz). Já na cultura oriental, a cor branca simboliza a morte, o que se explica pela forma como os orientais enxergam a morte física: como o início de um novo ciclo, como o fim do corpo e libertação do espírito, representados pela luz e pela infinita possibilidade.

O cinema e a televisão utilizam de uma série de recursos para formar uma linguagem: a linguagem audiovisual. Esta linguagem é formada a partir da junção de vários elementos, tais como planos, som, montagem, cor, cenografia, etc. Entre esses elementos, a linguagem audiovisual trabalha com simbologia, a fim de representar esteticamente temas concretos ou abstratos. Como colocam Jacques Aumont e Michel Marie: “As civilizações criaram símbolos, ou seja, signos destinados a representar, de modo mais ou menos arbitrário, uma realidade abstrata.” (2003, p. 272).

Em *Beleza Americana* e em *Six Feet Under*, a morte é retratada concreta e simbolicamente. O retrato da morte nesses produtos segue a ordem simbólica da cultura daquele país, que enxerga e compreende a morte a partir de valores ocidentais, mas, sobretudo, a partir de uma perspectiva peculiar, que advém de sua forma particular de

---

<sup>7</sup> Nascido em 1947, o alemão Gerd Kimmerle é doutor em filosofia, e é co-editor da revista *Luzife-Amor*, sobre a história da psicanálise. Informação disponível no livro de sua autoria: *Denegação e retorno, uma leitura metodológica de “Para além do Princípio de Prazer”, de Freud*.

enxergar a própria vida. Assim como existe um estilo de vida americano, podemos dizer que há, também, um certo “estilo de morte americano”, que se refere à forma como a morte é tratada, compreendida e elaborada simbolicamente naquela cultura. Uma das manifestações desse “*American Way of Death*” é o avanço da indústria funerária norte-americana, que enfatiza o consumo relacionado ao evento da morte. Além disso, o ritual de embalsamar os corpos (como forma de preservação dos mesmos), algo que é comum nos EUA, demonstra uma tentativa de negação da morte por parte da sociedade americana. Aliado ao costume de preparar o corpo morto inclusive com maquiagem (algo que as empresas funerárias fazem, e que se vê representado em *Six Feet Under*), essa maneira de lidar com o corpo morto de forma a manter a aparência de vida revela o viés cultural que vai ser tratado em *Beleza Americana*: uma sociedade que prima pelas aparências.

Partindo dessas considerações sobre a representação da morte na cultura e no cinema, a próxima seção deste artigo se ocupará de fazer uma análise detalhada do tema da morte no filme *Beleza Americana* e no episódio piloto da série *Six Feet Under*, ambos os produtos concebidos pelo roteirista Alan Ball. A análise se dará a partir das duas categorias já mencionadas: *a morte concreta* e *a morte como símbolo*.

### **3 ANÁLISE: A REPRESENTAÇÃO DA MORTE EM *SIX FEET UNDER* E *BELEZA AMERICANA***

A análise fílmica é o método aqui escolhido porque ela permite observar as especificidades do objeto fílmico ou televisivo, permitindo compreender como o tema da morte é levantado nesses dois produtos concebidos pelo roteirista Alan Ball, num trabalho de relação entre essas obras e seu contexto cultural, simbólico e de produção. Acredito que seria raso conceber uma reflexão acerca da morte somente no viés da narrativa cinematográfica. Sendo assim, me proponho nesta seção a observar como a morte é representada em *Beleza Americana* e *Six Feet Under* nas duas categorias citadas anteriormente: a) através da forma como o audiovisual representa a morte concretamente, o que pretende compreender a forma como o roteirista e autor das obras pensa a morte, ainda que ela seja, concretamente, igual para todos os corpos; b) partindo das representações simbólicas da morte, que revelam a cultura em que esse tema

está inserido e incluem desde o simbolismo associado à morte até a compreensão e elaboração da morte através de nosso aparato psicológico, estudado por Freud.

### 3.1 A morte concreta em *Beleza Americana* e *Six Feet Under*

O filme *Beleza Americana* e a série *Six Feet Under* (embora esta análise se detenha apenas ao episódio piloto da mesma) são produtos concebidos por Alan Ball, roteirista e/ou diretor que trata o tema da morte abertamente, mesmo estando num cenário cultural norte-americano que tende a não aceitar a morte, seja pelo culto ao eternamente jovem (muito presente em Los Angeles, local de produção da série), seja pelo avanço da medicina e a tendência de ver a morte como um “fracasso”, seja, ainda, por considerá-la tabu, dentro de um sistema que compreende principalmente a cultura ocidental judaico-cristã.

Inicialmente, irei me deter na maneira como a morte concreta é representada visualmente em *Beleza americana*. Percebo que o tema da morte toma forma no filme quando o personagem Lester Burnham (Kevin Spacey) é baleado e seu sangue vermelho cobre a parede branca da casa onde vive. Além disso, o pássaro morto que o personagem Ricky Fitts (Wes Bentley) grava em sua câmera e as rosas que a esposa de Lester, Carolyn (Annette Bening), arranca em seu jardim (flores passam a morrer quando arrancadas da terra) servem para ilustrar a morte de forma concreta (Figura 1)<sup>8</sup>.

Observo também a morte representada em elementos visuais em *Six Feet Under*. Logo na abertura da série, criada pela Digital Kitchen, vemos um cadáver numa maca e líquidos usados no embalsamamento, flores mortas, um caixão dentro de um carro funerário, sepulturas, lápides e um cemitério (Figura 2). A abertura já revela um pouco do universo que a série retrata, ao trazer elementos que se relacionam diretamente à morte e desperta uma curiosidade no espectador acerca do mistério que ronda a própria morte.

*Six Feet Under* trata o tema da morte do ponto de vista do ritual funerário e da presença do corpo físico, de maneira até cômica, demonstrando uma forma de lidar com a inevitabilidade da morte recorrendo ao humor. Se, para Freud, a morte é o “fundamento, a

---

<sup>8</sup> Os anexos estão inseridos no final do trabalho.

essência, a origem e a meta de todo vivente” (KIMMERLE, 2000, p. 104), para o roteirista Alan Ball, a morte também é vista como algo que faz parte da vida, pura e simplesmente.

No episódio piloto, o patriarca da família Fisher, Nathaniel (Richard Jenkins), é advertido no telefone pela mulher, Ruth Fisher (Frances Conroy), que se não parar de fumar, vai morrer demoradamente e com dor. Ao desligar o telefone e se abaixar para acender outro cigarro dentro do carro, um ônibus atinge o automóvel no qual Nathaniel está, levando-o à morte instantânea. Aqui Ball ironiza o fato da vida ser efêmera, podendo ser tomada pela morte a qualquer instante. O roteirista faz uma piada sobre morrer demoradamente e com dor por causa de um vício, quando Nathaniel, um viciado em cigarro, morre num acidente, em questão de segundos, pelo simples ato de acender um cigarro no trânsito.

Após sua morte, Nathaniel (além de outros corpos mortos) vai se relacionar com os membros da família Fisher, dando indicações de como estes devem melhorar suas vidas. A série vai recorrer à sátira, ao humor e ao grotesco muitas vezes, sem perder sua dramaticidade, para tratar do tema da morte. A figura do corpo morto que se comunica com os vivos também está presente em *Beleza Americana*, quando Lester conta uma história depois de morto, numa forma de falar sobre a morte e fazer com que os vivos repensem suas vidas.

Tanto em *Beleza Americana* quanto em *Six Feet Under*, a morte é representada concretamente no próprio texto, sempre sendo retomada nos diálogos e narrações. Nos primeiros minutos de *Beleza Americana*, Lester faz uma narração sobre o fato de que irá morrer em poucos meses: “Tenho 42 anos e dentro de menos de um ano, estarei morto.” Já no episódio piloto da série, o assunto da morte é levantado em vários momentos: quando Ruth previne o marido sobre o cigarro, dizendo que pode matá-lo; quando Ruth diz para o filho David que o marido está morto e o assado já era; e ainda quando Ruth pergunta ao filho Nate (Peter Krause), que teve que reconhecer o corpo do pai no necrotério, como o corpo estava e Nate responde: “morto”. Entretanto, a preocupação de Ruth era quanto a reconstituição do mesmo, uma vez que este não é o forte da funerária *Fisher and sons*.

O processo de reconstituição do corpo denota o caráter comercial com que os americanos encaram a morte. Tendo os Estados Unidos criado uma indústria funerária ao longo dos anos, a série *Six Feet Under* faz uma crítica explícita à visão capitalista que foi relacionada ao processo de elaboração da morte. Durante o primeiro episódio, bem como em

toda a série, *spots* publicitários inseridos no meio da história tratam com sarcasmo a comercialização da morte, a exemplo do carro fúnebre que aparece no início do episódio piloto e é vendido com o *slogan* “sofisticado e confortável porque seu ente querido merece o melhor.” (Figura 3).

### **3.2 A morte simbólica em *Beleza Americana* e *Six Feet Under***

Logo no início de *Beleza Americana*, a primeira imagem que temos é da vista aérea de um bairro de classe média alta. As ruas são largas e arborizadas, revestidas de plátanos imponentes. As casas são bem conservadas e tradicionais. Ouve-se uma voz masculina, em som off: “Meu nome é Lester Burnham. Moro aqui neste bairro. Esta é a minha rua. Esta é a minha vida. Tenho 42 anos e dentro de menos de um ano, estarei morto.” Corte seco, acompanhado de som do despertador. Vemos um homem (Lester) de pijamas deitado numa cama de casal king size, sozinho. Voz off: “É claro, ainda não sei disso.” Raccord para o plano seguinte, seguindo a movimentação de Lester se virando na cama. Voz off: “Aliás, de certa maneira, já estou morto.” Os instantes iniciais do filme informam o espectador a respeito do pouco tempo de vida que resta ao nosso protagonista. A fala do defunto Lester “...dentro de menos de um ano, estarei morto.” Abre o filme com a certeza da sua morte de forma concreta num período de poucos meses, tempo futuro ao qual a história é contada. Quando o protagonista fala que, de certa maneira, já está morto, trata-se de uma morte simbólica, embora ele ainda esteja vivo, com todas as funções vitais funcionando normalmente.

Uma pulsão de morte constante acompanha Lester, baseado na sua intensa frustração pessoal. Esse pessimismo é um dos conceitos que agrega significado ao tema da morte, especialmente se considerarmos que não só Lester narra a história depois de morto como já se considerava morto em vida.

O tom de desgosto pela vida (“já estou morto”) se comprova na cena seguinte, na qual Lester está tomando um banho. A narração: “Olhe para mim, me masturbando no chuveiro. Este será o ponto alto do meu dia. E daqui ele só piora.”. O ato de masturbação e excitação no chuveiro confere ao personagem um estado momentâneo de vida, pois na teoria das pulsões, concebida por Freud, a excitação é uma pulsão de vida, a busca pelo prazer. A partir do momento que o personagem “goza”, descarrega seu prazer, ele passa a ficar a serviço da

morte novamente. A pulsão de morte, que é constante, acompanha o personagem durante todo o seu dia. O fenômeno da compulsão à repetição em “masturbar-se no chuveiro sempre quando acorda” também se relaciona a uma pulsão de morte, embora se dê via busca do prazer, uma vez que ele busca também um estado momentâneo de inconsciência com relação ao que vive concretamente.

A falta de motivação pessoal, o fracasso na carreira, a relação em ruínas com a esposa Carolyn e a filha, Jane (Thora Birch), levam Lester a ver a vida como um fardo. Do início para o meio do filme, Lester não busca por realizações pessoais que são uma necessidade de todo ser humano, no âmbito afetivo, profissional, etc. Quando o indivíduo está realizado, ele trabalha mais numa pulsão de vida e essa pulsão é tida como uma energia invisível, que se manifesta de forma simbólica no corpo físico e psíquico do indivíduo. No caso de Lester, que vive sem êxito, vemos uma pulsão de morte.

Tamanhos são o aprisionamento e frustração de Lester, que isso se reflete através de enquadramentos dentro de enquadramentos no filme. Constantemente, Lester aparece dentro de quadros ou entre barras: seja enquadrado na janela de sua casa ou no box do banheiro ou ainda, com sua imagem refletida dentro da tela do computador (Figura 4). Essas imagens são simbólicas como representação e concretude: o fechamento representa uma morte escondida e o corpo morto no caixão.

Quando o protagonista conhece Ricky Fitts, seu vizinho, vê nele uma primeira inspiração para continuar vivo. Ricky, ao observar tudo a seu redor, se vê rodeado de beleza. Em sua câmera, grava coisas que são conflitantes para a sociedade americana: o sexo e a nudez, a morte (num pássaro morto), etc. Numa das cenas mais famosas do filme, Ricky mostra para a namorada Jane uma sacola que “dança” no ar e diz a ela que “existe uma vida inteira por trás das coisas”. Em *O mal-estar na cultura*, há uma passagem em que Freud coloca que a felicidade de viver está em observar essa beleza:

A felicidade de viver é buscada sobretudo no gozo da beleza onde quer que ela se mostre aos nossos sentidos e ao nosso juízo – da beleza das formas e dos gestos humanos, dos objetos naturais e das paisagens, das criações artísticas ou mesmo científicas. Essa postura estética em relação à meta da vida oferece pouca proteção contra sofrimentos iminentes, embora seja capaz de compensar muitas coisas. (FREUD, 2010, p. 74-5).

Depois de Ricky, Lester conhece Angela Hayes (Mena Suvari), amiga de sua filha, e passa, de fato, a desejar a vida, impulsionado pelo instinto vital. Angela é jovem, sedutora, sensual e imediatamente desperta a paixão de Lester, que passa a fantasiar com ela. A relação de Lester com Angela é uma representação do impulso de vida, ainda que Lester se considere – simbolicamente – morto. O instinto de vida se sobressai sobre o instinto de morte, principalmente através da sexualidade e pulsão sexual que representam a vida e se contrapõem à morte. Entretanto, neste caso, há também na sexualidade um poder destrutivo, representado nessa relação de Lester com Angela, que tem a idade de sua filha, por exemplo.

Nas fantasias de Lester, Angela sempre aparece nua, coberta por pétalas de rosas vermelhas (Figura 5). Aos poucos, a cor vermelha assume um tom passional no filme, mas com o sangue de Lester espalhado na parede no final de *Beleza Americana*, a cor se torna agressiva. O vermelho contrasta com o branco no filme, tanto simbolizando paixão, amor e remetendo às rosas, como representações de vida, quanto representado no vermelho do sangue (morte). Esse contraste é a estrutura que atravessa a obra de Ball, sempre usando vida e morte ora para destacar a diferença e distância entre elas, ora para delimitar que são separadas por linhas tênues, a exemplo de *Beleza Americana* e *Six Feet Under*.

Há também, em *Beleza Americana*, o ato de controlar a sexualidade alheia. O coronel homofóbico Frank Fitts (Chris Cooper) regula a sexualidade do casal homossexual da vizinhança, Jim Berkley (Sam Robards) e Jim Olmeyer (Scott Bakula). Entretanto, Frank é um homossexual enrustido, que busca manter as aparências de pai de família e militar conservador e tradicional. Frank vê seu desejo como algo reprovável, se sente culpado e assim, tenta destruir nos outros o que vê de “errado” dentro de si. Essa tentativa de destruição é uma pulsão de morte.

No livro *O mal-estar na cultura*, Freud discorre sobre o sentimento de culpa (culturalmente chamado de “pecado” pelas religiões) por parte do ser humano. Neste caso, o indivíduo possui necessidades, desejos, mas por medo de ser descoberto e julgado pelo outro, renuncia suas vontades em prol do que é “moralmente aceito” por uma grande massa da população. Em *Six Feet Under*, o sentimento de culpa é representado no personagem homossexual David Fisher (Michael C. Hall), que mantém um relacionamento secreto com o policial negro Keith Charles (Mathew St. Patrick). A maneira como David se sente culpado e se isola representa uma pulsão de morte e, enquanto David reprime sua sexualidade, seu

irmão, Nate, faz sexo com a desconhecida Brenda (Rachel Griffiths), revelando uma promiscuidade e pulsão de vida. Entretanto, aos poucos, David vai adquirindo coragem para lidar com sua sexualidade, como coloca Paula Cristina de Carvalho:

A série assume uma posição clara quanto à homossexualidade. Apresenta-a como um direito adquirido e como um sentimento genuíno. A impensada homofobia na família e na religião ganha relevância significativa conforme David ganha coragem para ‘sair do armário’, acabando por ser vencida. Em ‘A Private Life’ (1:12), por exemplo, temos uma crítica evidente ao comportamento de alguns cidadãos quando Marcus Foster (Brian Poeh) é espancado e morto por ser homossexual, situação que expõe os sintomas de homofobia ainda existentes na mentalidade americana. (CARVALHO, 2009, p. 120)

Em *Beleza Americana*, a sexualidade também é expressa na relação de Lester com Angela. Quando conhece Angela, Lester a torna um objeto sexual e através disso, busca elevar sua autoestima, a fim de conquistar a jovem. O protagonista começa a fazer exercícios, muda de emprego e passa a desafiar a esposa e filha que só o desprezavam. No primeiro ponto de virada da história, dado quando Lester e Angela se conhecem, também há uma virada nas pulsões: a pulsão de morte que vinha acompanhando Lester de maneira constante dá lugar a uma pulsão de vida.

Há também, tanto em *Beleza Americana* quanto em *Six Feet Under*, um “viver de aparências” que rodeia a vida dos personagens. A crítica feita à sociedade americana se traduz visualmente no filme, por exemplo: casas enfileiradas e simétricas, casa da família Burnham limpa, organizada, com nada fora do lugar, até em elementos menores, como a pega da podadeira que é exatamente da mesma cor que os sapatos de jardinagem de Carolyn (Como diz Lester: “Não é por acaso.”). Carolyn cultivava rosas em seu jardim e o título do filme, “*Beleza Americana*”, remete ao nome de uma rosa cultivada nos EUA, que não possui espinhos, apenas beleza. Noto que a rosa, bem como a cor vermelha, são elementos visuais simbólicos muito explorados durante o filme. Na casa dos Burnham, sempre há um vaso decorativo de rosas vermelhas, servindo como uma tentativa de mascarar a felicidade que não existe. A rosa (morta), neste caso, representa a vida, pelo vermelho, mas a vida morta, a vida de aparências, como o casamento em ruínas de Lester e Carolyn e, também, o fato de Lester estar morto em vida. Há também fotos de Lester, Carolyn e Jane espalhadas pela casa, ilustrando uma harmonia e união que não mais estão presentes entre os membros da família. Essas fotos simbolizam um tipo de fantasma do passado, ainda que o passado seja bom e harmônico.

A falsidade que se cria ao esconder a desunião que existe entre os membros da família e na tentativa de manter tudo limpo e organizado também se relaciona à forma como a sociedade americana não enxerga a sujeira, podridão, e decadência. Da própria morte se faz um ritual, na tentativa de negá-la ou escondê-la: em *Six Feet Under*, vemos a prática do embalsamamento (para preservar o morto) e da reconstituição do próprio corpo morto, especialmente nas cenas que Federico (Freddy Rodríguez) mostra com orgulho seu trabalho de reconstrução dos defuntos nas fotografias que tira após o processo. Nesse processo de “embelezamento” do morto, os americanos encontram uma forma de consolo pela perda.

Como responsável por acalmar os familiares das vítimas, há também, em *Six Feet Under*, a figura do diretor funerário, personificada por David Fisher. David faz oposição ao irmão Nate, já que este último não consegue ver a morte como um negócio, uma indústria. No enterro do pai, Nate faz uma crítica ao modo como a família, que possui uma funerária, lida com a morte do próprio membro familiar: “Isso parece cirúrgico, antisséptico e comercial.”. A dor da perda, ao longo do episódio, é vista principalmente na personagem Ruth Fisher, que fica em depressão e num estado de luto após a morte do marido. A morte aqui é representada simbolicamente, através do ritual ocidental de vestir preto nos velórios (como já discutido anteriormente, o preto representa o conceito da morte como um fim, um nada). Entretanto, Ruth continua, após o enterro de Nathaniel, guardando luto, sendo isso uma forma de se matar um pouco, ou seja, uma pulsão de morte. Como nos coloca Freud: “E, por fim, de que nos adianta uma vida longa se ela é penosa, pobre em alegrias e tão cheia de sofrimento que só podemos dar as boas-vindas à morte, saudando-a como libertadora?” (2010, p. 85).

Ainda considerando Freud, essa pulsão é uma força regressiva. Início e meta são idênticos e a vida encerra-se num eterno movimento de retorno, no qual a morte aparece no começo e término. Isso é percebido em *Six Feet Under*, quando, a série trabalha com uma subversão: se, em outras séries (a exemplo das séries médicas), a morte concreta é colocada como um desfecho de cada episódio, em *Six Feet Under* a morte é dada no início de cada episódio, como no episódio piloto, no qual a morte do patriarca da família Fisher se dá nos minutos iniciais. Sendo assim, a morte na série, bem como na teoria de Freud, é um princípio e “Freud encerra toda essa temporalidade numa sucessão circular cuja estrutura formadora é teleológica: o ciclo da vida é o movimento da morte dirigido para si mesma.” (KIMMERLE, 2000, p. 101).

O conceito do título de *Six Feet Under*, traduzido como “A Sete Palmos”, também revela muito do tema da morte tratado na série. Na entrevista que Alan Ball cedeu à Nancy Harrington, para o Archive of American Television, o roteirista coloca que *Six Feet Under* traz uma dualidade no título: a) o título está relacionado com a crença popular de enterrar e sepultar o morto, “a sete palmos” da terra, separando-o dos vivos, para que estes não sejam assombrados pelo ser que morreu; b) a série não só fala de mortalidade, mas também da forma como o indivíduo (representado por todos os membros da família Fisher) costuma esconder suas emoções, enterrá-las, ter medo delas. Mais uma vez, Alan Ball retrata o “viver de aparências” dos norte-americanos, que não se permitem serem observados ou julgados. Em *Beleza Americana*, o cartaz, que divulga o filme, traz a imagem de um corpo feminino segurando uma rosa vermelha na altura da barriga, com os seguintes dizeres: “Look closer”, traduzido como “Olhe bem de perto.” Esse *slogan* que ilustra o cartaz já pedia que o espectador assistisse ao filme não de maneira habitual, como um espectador comum, mas que buscasse compreender as fraquezas emocionais das pessoas que ali retratam toda uma sociedade americana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi abordado neste trabalho, é possível observar que há, por parte das sociedades, especialmente a sociedade norte-americana, um medo avassalador relacionado à morte. O “fim da vida” ainda é visto pelo ser humano como um tabu, ou seja, algo que é considerado um enigma que está rodeado por um mistério e inquietação. Como visto, esse tabu da morte é uma quebra nos trabalhos do roteirista e diretor norte-americano Alan Ball, que se propõe constantemente a desenvolver o tema em seus trabalhos, colocando-o sempre na voz ativa, como algo que é inerente à condição humana. Além da morte, o sexo e a maneira do indivíduo lidar com sua sexualidade também sempre são retratados, como um contraponto à morte na cultura, especialmente nos produtos que aqui foram analisados: *Beleza Americana* e *Six Feet Under*.

Em *Beleza Americana*, há um enfoque no tema da morte ao retratar a vida de Lester Burnham: um vivo que se considera morto em vida, e que dentro de poucos meses, estará morto, de fato. O filme trabalha com elementos simbólicos e visuais, além de acontecimentos,

que representam a morte ou que se contrapõem a ela: o sexo, as rosas, o sangue, os enquadramentos dentro de enquadramentos, a cor, o ato de enxergar beleza nas pequenas coisas da vida, etc. Além disso, o filme traz uma crítica ao *American Way of Life*, demonstrando o que há de errado na sociedade americana: o viver de aparências, a hipocrisia, o falso moralismo, o aprisionamento de emoções, ou seja, tudo que resume parte de uma sociedade que torna sua vida banal, sem sentido, podre e por fim, morta.

Já *Six Feet Under* é uma série inovadora no sentido de utilizar de recursos cinematográficos num meio televisivo e colocar o tema da morte em destaque, quase como um personagem, fazendo uso de elementos visuais que representam a morte de maneira concreta e simbólica: caixões, corpos mortos, lápides, cemitérios, feixes de luz no fim do túnel, mãos que se separam na sequência de abertura, etc. Recorrendo à sátira, ao grotesco e ao profano, mas sem perder sua densidade dramática, *Six Feet Under* não se preocupa em dar indicações do que acontece depois da morte (até porque, ninguém sabe) e sim, demonstra como é ser alguém que convive constantemente com a morte, seja comercialmente, seja na perda de pessoas próximas, e como isso afeta a vida dos membros da família Fisher (representantes de uma sociedade americana). Os Fisher fogem do padrão de “família americana certinha e perfeita”, mas cada um dos membros dessa família encontram fraquezas emocionais e psicológicas, quando se veem obrigados a lidar com a morte, a perda, a sexualidade, etc. O último episódio de *Six Feet Under* (*Everyone’s Waiting* – 5:12) apresenta a morte de todos os personagens da série, com os quais o espectador se envolveu e se identificou ao longo das cinco temporadas e este fato, mostra que o indivíduo deve aceitar a morte por causa da inevitabilidade da mesma.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Texto & Gráfica, 2009.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

CARVALHO, Paula Cristina. **Six Feet Under - A temática da morte nos Estados Unidos da América**. Lisboa, 2009. 162 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos) – Universidade Aberta, Lisboa, 2009.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick; revisão técnica e prefácio de Márcio Seligmann-Silva; ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Sousa. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2010. 192 p. – (Coleção L&PM POCKET, v. 850).

FREUD, Sigmund. (1913). Totem e Tabu. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund. (1920). Além do Princípio do Prazer. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KIMMERLE, Gerd. **Denegação e retorno**: uma leitura metodológica de “Para além do princípio de prazer”, de Freud. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Jr. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000. 149 p.

VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papirus, 1994.

VIANA, Nildo. **Cinema e mensagem: análise e assimilação**. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2012.

### Sites consultados:

Arhive of American Television. **Entrevista com Alan Ball**. Disponível em:

<http://www.emmytvlegends.org/interviews/people/alan-ball> Último acesso em: 10 fev. 2013.

Blog Oficina da História. **American Way of Life**. Disponível em:

<http://oficinadahistoriad.blogspot.com.br/2009/10/american-way-of-life.html> Último acesso em: 25 fev. 2013.

IMDB. **Beleza Americana**. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0169547/> Último acesso em: 23 fev. 2013.

IMDB. **Six Feet Under**. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt0248654/> Último acesso em: 23 fev. 2013.

Wikipedia. **Sitcom**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sitcom> Último acesso em: 10 fev. 2013.

### Ficha técnica do filme:

Título original: American Beauty

Título no Brasil: Beleza Americana

País de origem: EUA

Ano de produção: 1999

Duração: 122 min.

Cor: Colorido

Roteiro: Alan Ball

Direção: Sam Mendes

Elenco: Kevin Spacey, Annette Bening, Thora Birch, Wes Bentley, Mena Suvari, Chris Cooper, Petter Gallagher, Allison Jane, Scott Bakula, Sam Robards (e outros).

**Ficha técnica da série:**

Título original: Six Feet Under

Título no Brasil: A Sete Palmos

País de origem: EUA

Ano de produção: 2001 a 2005

Duração por episódio: 60 min.

Cor: Colorido

Roteiro: Alan Ball

Direção do episódio piloto: Alan Ball

Elenco: Peter Krause, Michael C. Hall, Frances Conroy, Lauren Ambrose, Freddy Rodríguez, Mathew St.Patrick, Rachel Griffiths, Richard Jenkins (e outros).

## ANEXOS



**Figura 1:** Frames do filme *Beleza Americana* – sangue na parede; Lester baleado; pássaro morto; rosa arrancada. Disponível em: <http://screenmusings.org/AmericanBeauty/index.htm>



**Figura 2:** Frames da abertura de *Six Feet Under* – corpo na maca; líquido de embalsamamento; caixão no carro; flores mortas; lápide e caixão no cemitério. Disponível em: <http://time-enough.net/screencaps/six-feet-under/>



**Figura 3:** Frame retirado do episódio piloto de *Six Feet Under* – spot publicitário.



**Figura 4:** Frame do filme *Beleza Americana* – Lester enquadrado na janela; Lester enquadrado no box do banheiro; Lester enquadrado na tela do computador. Disponível em: <http://screenmusings.org/AmericanBeauty/index.htm>



**Figura 5:** Frame do filme *Beleza Americana* – Angela coberta por rosas vermelhas na fantasia de Lester. Disponível em: <http://screenmusings.org/AmericanBeauty/index.htm>